

Fotos: Marcelo Camargo/Agência Brasil

NUVENS DE CHUMBO

> A capital federal virou praça de guerra no dia 24, quando mais de 150 mil pessoas foram protestar contra a Reforma da Previdência e o governo Temer. A Adufrj enviou professores à marcha e destinou dois ônibus para os estudantes e mais dois ônibus para o Andes. Servidores da UFRJ também participaram. Durante os confrontos violentos, o presidente Michel Temer editou decreto autorizando ações das Forças Armadas contra os manifestantes. O saldo: 49 feridos, oito detidos e um país mais longe da democracia.

ANABELLE CONSIDERA

Professora da Faculdade da Educação

“ Me mandaram vir de tênis, porque a caminhada do Mané Garrincha até a Esplanada dos Ministérios levaria uns bons 2 ou 3 km, sob o sol seco. Eu confesso que viria até de pantufas, se isso me fizesse sentir mais confortável. Mas não foi assim. Não era pra ser...

Segui mais observando do que marchando... A marcha foi se avolumando na passarela da Rodoviária. Para onde, meu deus, para onde.

Dali em diante, o sol entre nuvens no céu de chumbo parou de sorrir. Antes mesmo que a marcha apontasse na Esplanada, começamos a sentir no ar o revés.

Barulho de bombas, gás, tiros de bala de borracha. Éramos mulheres, trabalhadores, velhos, crianças (algumas poucas), jovens estudantes (muitos, muitos). Gente, muita gente. E havia o chumbo do céu e o chumbo das ferraduras dos cavalos da PM. Eles eram muitos cavalos. E arremeteram contra as cores, as mulheres, os trabalhadores, os velhos, as crianças.

Minha mão formigou. Paralisou. Tive muito medo. Tentei recuar. Foram nos espremendo, nos diminuindo. A sensação de secura na boca, a sensação de falta de espaço, a sensação de impotência imensamente espaçosa. Companheiros voltavam do *front* com olhos vermelhos e pó branco no rosto, à maneira dos *clowns*, e nos davam conta de que a polícia usava, sim, armas letais. Falavam também de filhos

da puta infiltrados que começaram a queimar tudo. Ouvíamos apelos dos carros de som: “Polícia, não ataque o povo!” Tinha muita gente pobre. Tinha muito povo, não só funcionário de carreira. Tinha muita gente chão. O sol entre nuvens e o chumbo contra o chão.

O ato terminou mais cedo do que o previsto. Era um espanto para mim ver a cabeça erguida daquela gente muito gente. Voltamos ao ponto de partida.. E eu vi que havia um sentido nesse caminhar ao contrário. Caminhar contra o cerco. O gingado, o drible do Mané. O sol, lá pras 16h, saiu de dentro das nuvens e brilhou, sem ingenuidade. Os que voltavam estavam ainda coloridos. Os olhos eram coloridos, mais do que as camisetas.

■ Leia a íntegra do texto em adufjrj.org.br

VÍTIMAS DA COVARDIA: INFORME SOBRE FERIDOS GRAVES

CLEMENTINO NASCIMENTO NETO

Tomou um tiro de bala de borracha do batalhão de choque no olho esquerdo e, segundo o médico que o atendeu, provavelmente perderá a visão.

VITOR GUIMARÃES

Dirigente do MTST/RJ. Uma bomba explodiu em seu rosto e fez um corte profundo na testa e na bochecha, escapando por pouco de ficar cego.

VITOR RODRIGUES FREGULIA

Teve a mão dilacerada por um novo tipo de bomba. Quando alguém pensa que é uma bomba de gás lacrimogêneo e pega para lançar de volta, ela explode na mão.

CARLOS GEOVANI CIRILO

A munição letal da PM atravessou o maxilar e pescoço, quebrando ossos e fazendo-o perder muito sangue. Está entubado no Hospital.



Professores rompem os muros da universidade

> Adufrj se mobiliza em torno de ações que expandem os limites de atuação da UFRJ, promovendo a paz e a interação com a escola pública

Fotos: Fernando Souza



Comunidade cobrou justiça para vítimas



Patrícia Pillar prestigiou a manifestação



Apresentações culturais encerraram a atividade



Marina Motta, diretora da Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, agradeceu à professora Tatiana Roque (à esq.) o apoio da Adufrj para a realização do ato

Maré: flores contra a violência



Moradores colocaram flores nos buracos de balas de uma das casas da Maré

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Um território com marcas de guerra por todos os lados foi o ambiente escolhido para a realização da Marcha contra a Violência, ocorrida no dia 24, na Maré. A passeata foi organizada por moradores, trabalhadores, associações e ONGs da região. Professores da UFRJ, artistas plásticos, de TV e teatro também participaram da atividade.

Muitos moradores venceram o medo dos confrontos armados e compareceram ao ato. “Hoje fui levar minha filha para a escola e quando chegamos lá estava tudo destruído. É a terceira vez que isso acontece”, contou Adriana Gomes. Sua filha de cinco anos estuda na creche Maria Amélia, uma das Escolas do Amanhã construídas pela Prefeitura do Rio no ano passado. “Como podemos deixar nossos filhos lá e achar que estão em segurança?”, indagou.

A universidade não é só ensino e pesquisa. Ela dialoga com aqueles que estão além dos seus muros e busca soluções conjuntas para melhorar o país. A vizinha Maré é um espaço complexo que reúne iniciativas de extensão da instituição, mas também sofre um cotidiano violento que se estende ao campus universitário. Por isso, a UFRJ não poderia deixar de participar de uma manifestação que reivindicou a paz na comunidade. O belo ato, dia 25, teve apoio da Adufrj. Outra iniciativa que conta com parceria da Seção Sindical é o “UFRJ doa uma aula”. A plataforma eletrônica quebra barreiras burocráticas para levar professores do ensino superior para a rede pública de educação básica.

Escolas: docentes doam aulas

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

Três professoras da UFRJ deram um passo à frente na interação da universidade com as escolas públicas. Elas criaram uma plataforma eletrônica (www.ufrjdoaumaaula.com.br) a partir da qual podem ser oferecidas aulas para a rede básica. “Os docentes dispõem as aulas e as escolas solicitam as que acharem mais pertinentes”, explica Viviane Lione, da Faculdade de Farmácia, uma das idealizadoras do projeto.

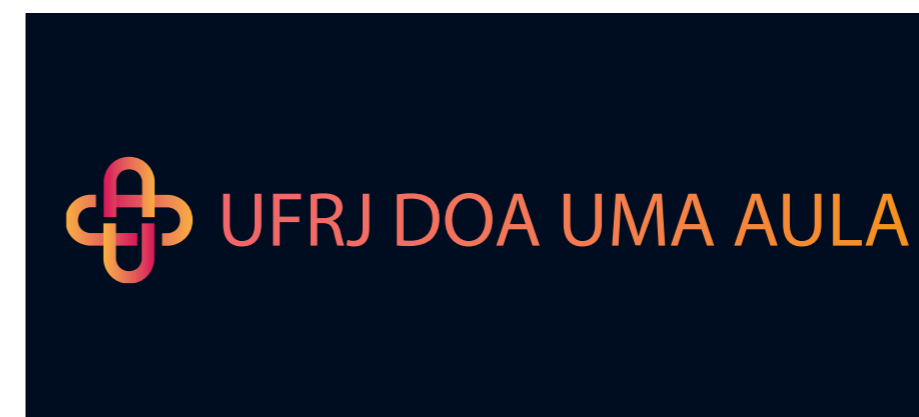
“A ideia do site foi simplesmente criar um canal, um link entre a universidade e as escolas”, afirma Gyselle Holanda (Farmácia), outra coordenadora da iniciativa, ao lado de Débora Foguel, do Instituto de Bioquímica Médica. A estratégia adotada foi deixar o agendamento a cargo das escolas e dos próprios docentes. “O horário flexível facilita”, avalia Viviane. E deu resultado.

Atualmente, a rede dispõe de 85 professores cadastrados. Ao todo, são 106 atividades nas diferentes áreas de saúde, humanas e tecnológicas. Quando a plataforma foi ao ar, em outubro de 2016, eram apenas as três professoras com 22 aulas. Estão previstas atividades até novembro.

ADUFRRJ APOIA

A Adufrj abraçou imediatamente a iniciativa e ajudou a construir o site. Quatro dos diretores fazem parte da grade de aulas. Antonio Mateo Solé-Cava, do Instituto de Biologia, por exemplo, oferece quatro aulas. Três delas já estão agendadas para julho. Todas elas em colégios estaduais de São João de Meriti, na Baixada Fluminense.

“Muitos professores já realizam aulas na rede básica em função de exigência de determinados editais de pesquisa. Mas o bacana do site é que torna possíveis quantas aulas o professor quiser doar”, observa.



VIVIANE LIONE
Faculdade de Farmácia

“Os docentes dispõem as aulas e as escolas solicitam as que acharem mais pertinentes. Pode ser uma palestra ou oficina. O horário flexível facilita



GYSELLE HOLANDA
Faculdade de Farmácia

“Percebemos que todo mundo com a mesma vontade de aproximar as pesquisas da universidade do ensino básico reclamava da mesma coisa: a burocracia



RODRIGO ROSISTOLATO
Faculdade de Educação

“Assim que colocamos no ar, recebi oito convites, três deles de fora do município do Rio. Vai ser bastante interessante essa experiência com o ensino médio

Diretas Já ontem e hoje

> **Presidente do Andes-SN à época da primeira campanha pelas Diretas Já, o professor Luiz Pinguelli Rosa compara o movimento dos anos 80 com o atual**

KELVIN MELO

kelvin@adufrrj.org.br

“**E**u vejo certo movimento da universidade em favor das Diretas Já. Mas ainda menor do que nos anos 80”, afirma o diretor de Relações Institucionais da Coppe e um dos fundadores da Adufrj, Luiz Pinguelli Rosa. O professor fala com propriedade sobre o assunto. De 1982 a 1984, justamente o período do primeiro movimento pela redemocratização do país, o professor foi presidente da Associação Nacional dos Docentes de Instituições de Ensino

Superior, o atual Andes-SN.

“Naquele tempo, a Andes fazia parte do comitê organizador dos grandes comícios no Rio, São Paulo e Belo Horizonte, junto dos políticos, da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e houve um movimento bastante grande da universidade a favor das Diretas Já”, disse Pinguelli.

MAS E AGORA?

Nos dias atuais, alguns debates sobre o tema começam a ocorrer na universidade. O último Consuni teve como pauta a crise política e a Coppe, exemplifica o

professor, também tem discutido a situação do país no “Ciclo Brasil e suas perspectivas”: “Por outro lado, a Adufrj está organizando, junto da Coppe, a vinda do Miro Teixeira”, disse, em referência ao encontro com o deputado federal autor da emenda constitucional que garante eleições diretas no caso da queda de Temer. A atividade será na sala G-122 do Centro de Tecnologia, nesta sexta-feira (26), às 11h.

Pinguelli também critica aqueles que acreditam que a UFRJ não deveria se posicionar em assuntos políticos: “A universidade é um espaço de discussão. Fazer dela um lugar em que é proibido discutir política não faz nenhum sentido”.



DEBATE COM

- > MIRO TEIXEIRA
- > LUIZ PINGUELLI ROSA
- > ERICKSSON ALMENDRA
- > TATIANA ROQUE

26 mai, 11h · Sala G122, CT

Obra do alojamento frustra alunos

> **Diretor do DCE lamenta lentidão para encerrar a construção, feita de módulos**

ELISA MONTEIRO

elisamonteiro@adufrrj.org.br

“**E**m 2016, a reitoria prometeu entregar um novo alojamento estudantil, com 164 vagas, no primeiro semestre deste ano. Feita a partir de módulos, a construção entre o Cenpes e o CCMN deveria ter sido concluída rapidamente. Segundo o pró-reitor de Gestão e Governança, Ivan Carmo, o trabalho “avançou bem até abril”. Depois, empacou. O motivo é o de sempre: falta de pagamento.

O contrato, no valor de R\$ 7,6 milhões, com a Innova Rio Engenharia e

Construções LTDA, tinha cronograma de 270 dias, entre 26 de agosto e 22 de maio. Até aqui, segundo a reitoria, só acabou a primeira etapa da obra, correspondente a fundações e estrutura.

O pró-reitor Ivan explica que o financiamento da construção tem um complicador extra: a previsão orçamentária “meio a meio” entre recursos próprios da universidade e os obtidos por emendas parlamentares, que foram contingenciados em grande parte pelo governo federal.

Estudante da Psicologia e diretor do DCE Mário Prata, Caíque Azael lamenta a lentidão da obra: “A promessa era ganhar tempo, aproveitando a proximi-

dade da estrutura básica (de luz, água e rede de dados) do CCMN”, além do terreno plano e cimentado, que já foi utilizado como estacionamento dos ônibus da Petrobrás. O aluno ressalta que a expansão e a diversificação regional da universidade, via Reuni e o Enem, aumentaram a pressão por moradia oferecida pela universidade.

DEMANDA REPRIMIDA

De acordo com a Superintendência Geral de Políticas Estudantis (Superest), como medida emergencial, a UFRJ oferece hoje “cerca de 440 bolsas de auxílio moradia”. E não dá conta da demanda.